

ARQUITECTURAS O QUE VAMOS OUVIR?

ÂNGELA LOPES

CÂNDIDO LIMA

“POR TODA A PARTE DAS COISAS SOBREPOSTAS OS ANDARES VÁRIOS DA ACUMULAÇÃO DA VIDA...” *

1

CÂNDIDO LIMA

Duas obras em simultâneo em ambas as salas

SALA HENRIQUE ALVES COSTA

Optic Music-quadros cinéticos (“trompe l’œil”) (2009/2010)

Pianos pré-gravados (3) e piano ao vivo
Projecção da partitura da obra e de quadros
de António Quadros Ferreira para a exposição
“Metamorphosis” no Museu Teixeira Lopes
(Vila Nova de Gaia)
10’

AUDITÓRIO

Bleu-Rouge (masques) (1989/1992)

A lembrar *Tapisserie I (croquis)*, obra espacial
inspirada e estreada nesta sala da autoria
do arquitecto Souto Moura
Compacto electroacústico da obra com o mesmo
título para instrumentos e electroacústica
10’

2

ÂNGELA LOPES

Duas obras em simultâneo em ambas as salas

SALA HENRIQUE ALVES COSTA

Fong-Song (2012)

Conto de “A China fica ao lado”
de Maria Ondina Braga
Música electroacústica, flauta (Gil Magalhães)
e projecção do texto
15’30”

AUDITÓRIO

Gárgulas d’Arga (2014)

Parte electrónica da obra mista com o mesmo título
para instrumentos e electroacústica
11’

3

CÂNDIDO LIMA

SALA HENRIQUE ALVES COSTA

Momento-Paisagem (2009)

Compacto electroacústico da obra multimédia
“MÚSICAS DE VILLAIANA – coros oceânicos”
Obra concebida para o Coliseu de Viana do Castelo
(Centro Cultural) da autoria do arquitecto Souto Moura
Música electroacústica
Projecção de imagens e piano ao vivo
5’

4

ÂNGELA LOPES

SALA HENRIQUE ALVES COSTA

E(H)LLE(M)- Sete momentos em forma de trança (2017)

Música electroacústica, violoncelo e contrabaixo
(Duo Contracello) e projecção de vídeo
Vídeo de Inês Silva
8’

5

ÂNGELA LOPES

SALA HENRIQUE ALVES COSTA

Reciclo-Recírculos – em forma de sanza (2019)

Música electroacústica sobre reciclagem de fontes,
materiais sonoros e projecção de vídeo
Vídeo de Inês Silva
11’

6

CÂNDIDO LIMA

Uma obra em simultâneo em ambas as salas

SALA HENRIQUE ALVES COSTA E AUDITÓRIO

OCEANOS (1978-1979)

Nova viagem imaginária ao fundo do tempo/
a mares desconhecidos/ a mares interplanetários/
a oceanos intergalácticos/ ao fundo da alma
e a mares longínquos
Música electrónica e por música por computador
26’25”

*do poema “Começa a haver meia-noite e a haver sossego”, de Álvaro de Campos,
posto em música por Cândido Lima em 1965, cantado e gravado pelo tenor Fernando Serafim.

QUE HISTÓRIAS DESCONHECIDAS DO PORTO MUSICAL?

CÂNDIDO LIMA

É com amizade, em primeiro lugar, mas também com algum constrangimento, expectativa e prazer ocultos que cumpro com o prometido aos amigos artistas Susana Camanho e Emídio Agra, ouvintes e entusiastas de sempre da minha música. Foram falando das suas ideias para esta presença nas actividades do Sismógrafo, sugerindo, desejando, deixando sempre campo aberto para o compositor. E, assim, foi surgindo uma rede espontânea, com a presença da compositora Ângela Lopes e a ideia de um espaço: a Casa das Artes.

Proposta a Casa da Artes para esta presença de dois compositores forasteiros na cidade do Porto, saltou-me à memória uma noite inesquecível vivida na arquitectura do Auditório Souto Moura. Decorria o Encontro Nacional de Ensino Artístico, organizado pelo GETAP/DGES/Ministério da Educação, na época instalado na Avenida da Boavista e dirigido por Joaquim Azevedo, Elvira Leite, Isabel Rocha, José Luís Borges Coelho, entre outras personalidades.

Para encerramento do Encontro foram convidados três grupos portugueses de música contemporânea e, para o mesmo concerto, feitas três encomendas aos compositores Álvaro Salazar, Cândido Lima e Jorge Peixinho, directores artísticos, respectivamente, da Oficina Musical, do Grupo Música Nova e do Grupo de Música Contemporânea de Lisboa. Cada um dos grupos apresentou um programa, algo de marcadamente inédito em Portugal. Ao lado do Auditório (plateia e balcão), a emoldurar o concerto e a noite, num dos muros neutros dos bastidores, um painel de autógrafos ia crescendo à medida que os artistas iam passando e actuando no local. Muro que se tornava memória comum, uma escrita premonitória como as antigas mensagens dos deuses que se dirigiam aos homens para os prevenir.

Ao me ser apresentada a Casa das Artes como espaço adequado e de acordo com o contexto de um programa abrangente e aberto, esperava nesta noite reencontrar a memória do espaço de estreia da obra para ele composta, *Tapisserie I (croquis)*, na expectativa emocionada de rever esses autógrafos, até de colegas já desaparecidos. Ambas as memórias inesquecíveis suspensas no espaço, centenas de autógrafos como “gravuras do Côa” dos tempos modernos inundadas. A parede escrita, aliança entre diferentes tempos, foi apagada.

A hospitalidade da Casa das Artes, a amizade e os afectos, a música e a arquitectura enlaçadas, superam, esta noite, essas rugosidades da memória. Alguns momentos de fricção entre a música e outras artes de incumplicidades não escondem também cumplicidades.

Após ter-me assomado à memória o local de estreia de *Tapisserie I* e a noite colectiva improvável no Auditório Souto Moura, inundaram-me a memória outras experiências inesquecíveis vividas nestes espaços circundantes da Casa das Artes, em tardes e noites diversas, quer de programação, quer de públicos.

Dedicada à música contemporânea, a série *Janelas sobre o novo século-em diálogo-música e outras artes* (1984) ocupou meses de contacto vivo com diversos públicos, antecipando o século que se avizinhava. O concurso de bandas filarmónicas promovido pela televisão do Monte da Virgem ao longo do Verão, ao ar livre nos jardins do palacete, deixou-me uma recordação indelével como membro de júri e como pianista no concerto de encerramento, fechando o evento com mais três pianistas na música das Contradanças do *Auto da Floripes* da minha terra. Memória da minha infância, das histórias que ouvi contar, e do convívio directo com a grande tradição das músicas das bandas filarmónicas.

O parque e a música ao ar livre, as salas de concerto e de administração de departamentos ministeriais do palacete da Casa Allen da Rua António Cardoso, foram arquitecturas reais e simbólicas de memórias cruzadas de práticas vividas de forma entusiástica por públicos e artistas neste espaço de espaços abertos.

As músicas da compositora Ângela Lopes e de Cândido Lima simbolizam a defesa de valores universais para além das abstrações musicais, de que as suas actividades artística e pedagógica são manifestações apaixonantes de comunicação com as realidades humanas. A amizade e os afectos entre os anfitriões e os artistas da noite permitem aquela pergunta imaginária, provocatória e sorridente entre amigos antes de entrarem numa sala de espectáculos, antes de se depararem com um mundo desconhecido:

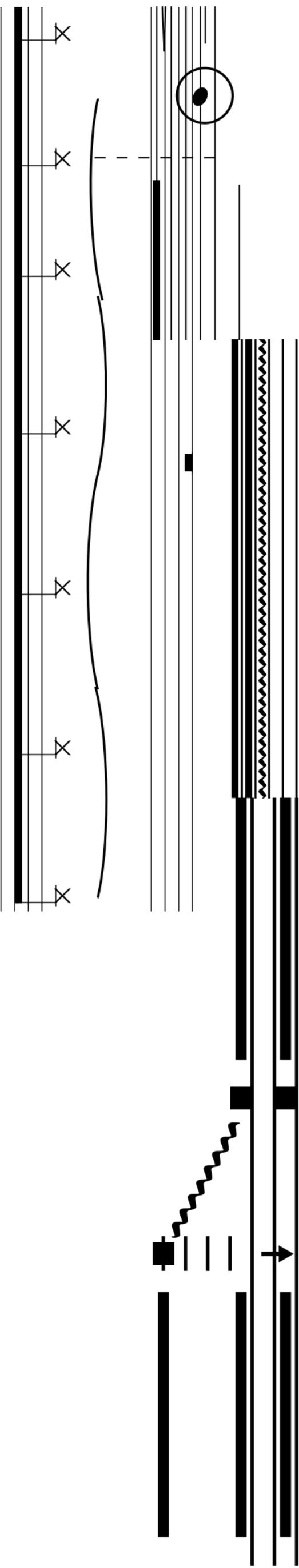
O QUE VAMOS OUVIR?

ÂNGELA LOPES

Diplomada em Composição pela ESMAE e UA/Universidade Paris VIII. Colabora, na assistência técnica e projeção do som, com os grupos *Música Nova*, com direção de Cândido Lima e *MC47*, com direção de Virgílio Melo. Participa nos festivais de electroacústica – *Música Viva* e *DME/Dias de Música Electroacústica*, entre outros projetos. Colabora habitualmente na realização técnica electroacústica de obras do compositor Cândido Lima. Compõe obras para formações diversas, apresentadas no país e estrangeiro. Compôs para teatro e teatro electroacústico. Possui diversas partituras e músicas publicadas/editadas. Actualmente é compositora editada pelo *Centro de Investigação & Informação da Música Portuguesa (MIC.pt)*. É membro da *Sociedade Portuguesa de Autores (SPA)*. É professora de Análise, Composição e Organologia. É Presidente da Direção Administrativa da *Academia de Música de Santa Maria da Feira*, bem como elemento de Direção Pedagógica. Tem estreias recentes, encomendas do festival *DME/Lisboa Incomum*, a obra *Reciclo-Recirculos-em forma de sanza*, ou do *SÍNTESE – Grupo de Música Contemporânea*, a obra *DARGUA – de poemas helénicos*. Encontra-se em preparação o lançamento do DVD, pelo *DuoContracello*, com a sua obra *E(H)LLE(M) – sete momentos em forma de trança*. De momento, trabalha numa nova obra para viola de arco e electrónica, encomenda da Associação Arte no Tempo.

CÂNDIDO LIMA

Começou os seus estudos musicais de Piano e Composição em Braga, onde durante anos tocou órgão na Catedral. Licenciou-se em Piano e Composição nos Conservatórios de Lisboa e Porto. Após o serviço militar na Ilha de Bolama, Guiné, estudou Filosofia na Universidade de Braga. É doutorado em Estética pela Université Paris I – Panthéon-Sorbonne. Participou em vários cursos internacionais com Nadia Boulanger, Aloys e Alphonse Kontarsky, Gérard Frémy, Stockhausen, Kagel, Ligeti, Pousseur, Boulez e Xenakis, entre outros. Estudou, também, Análise e Direcção de Orquestra com Gilbert Amy e Michel Tabachnik e participou em vários cursos de música electrónica e música por computador na Universidade de Paris 8 – Vincennes, na Universidade de Paris I-II – Panthéon-Sorbonne, CEMAMu e IRCAM. Tendo publicado regularmente artigos na imprensa, criou séries de televisão e rádio para promover o trabalho de compositores portugueses contemporâneos. Em 1973, Cândido Lima fundou o “Grupo Música Nova”. Pioneiro em Portugal de música electroacústica e música por computador, escreveu peças para uma diversidade de ensembles instrumentais, voz, piano e orquestra. Foi o primeiro compositor português a utilizar em simultâneo, entre outros meios, computador, electroacústica e orquestra (*Oceanos*, *A-mèr-es*, etc.). Compôs, como memórias de regresso da guerra (Guiné-1968/69), as obras *HÉAMAÓAMAÉH – sulcos.silêncios* (2007) e *ODE AOTEJO – regresso de um piano de guerra* (2018/2019). Para os 750 anos do Foral de Viana do Castelo (2008/2009) compôs *MÚSICAS DE VILLAIANA – coros oceânicos*, obra multimédia para orquestra, coro, electrónica, audiovisuais, narrador, rapper e público. Entre as suas últimas obras, encontra-se *CHANTIER-melodias em pedra* (2019).



Agradecimentos: Oscar Faria, Maria João Macedo e toda a equipa do Sismógrafo, Dra. Fernanda Araújo e Jorge Costa da Casa das Artes, Abílio Silva pela preciosa ajuda na transformação do conto "FONC-SONC" de Maria Ondina Braga em vídeo.

QUA 20 NOV 2019, 21H00